

A comida na literatura de Gógol e a sua tradução para o português

Profa. Dra. Denise Regina de Sales¹ (UFRGS)

Resumo:

*Dada a riqueza do universo literário russo e consideradas as peculiaridades culinárias da Rússia em relação ao Brasil, na prática da tradução literária, a comida aparece como uma das áreas mais ricas para investigações. Nesta comunicação, apresentamos a pesquisa **A comida na tradução da literatura de Nikolai Gógol no Brasil**, baseada em um levantamento da presença e recorrência da comida em obras selecionadas e em suas respectivas traduções brasileiras. Partindo da linguística de corpus, numa perspectiva analítico-descritiva, buscaremos identificar as soluções adotadas pelos tradutores brasileiros e as suas possíveis implicações para o entendimento do texto.*

Palavras-chave: Nikolai Gógol, literatura russa, linguística de corpus, culinária na literatura

1 Introdução

A pesquisa **A comida na tradução da literatura de Nikolai Gógol no Brasil** faz parte do projeto **A língua russa através da tradução: uma pesquisa baseada em corpora**, desenvolvido na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Com base na compilação de um *corpus* paralelo de obras originais do escritor Nikolai Gógol e de suas respectivas traduções brasileiras, pretendemos analisar o vocabulário culinário usado pelo autor e as soluções tradutórias adotadas em português. De modo complementar, propomos a compilação de um *corpus* paralelo de obras selecionadas do escritor brasileiro Jorge Amado e de suas respectivas traduções para o russo a fim de observarmos o fenômeno inverso: como os tradutores russos, com o arsenal linguístico gastronômico específico de sua cultura, solucionam as questões de tradução da literatura brasileira.

As interrogações que suscitaram a elaboração deste projeto surgiram da prática de tradução literária e da leitura e estudo de traduções. Em geral, a tradução de autores russos no Brasil experimenta atualmente um grande crescimento, alimentado, inclusive, pelo aumento do número de tradutores especializados. Se, num primeiro momento, predominavam obras traduzidas do francês e mais tarde também do inglês, agora situações desse tipo são raríssimas exceções, e a maioria dos novos títulos têm tradução direta. Portanto, tem aumentado significativamente o número de textos passíveis de análises como propomos aqui.

Paralelamente, a Linguística de *Corpus* tem sido cada vez mais usada na investigação do texto literário traduzido. Pesquisas brasileiras recentes comprovam isso. Citaremos duas: a tese **Dubliners sob a lupa da Linguística de Corpus, uma contribuição para a análise e avaliação da tradução literária**, em que Lourdes Gonçalves, a partir de contos de Joyce, demonstra a importância dos estudos de *corpora* como instrumento de análise do texto literário; e o artigo **Análise da tradução/adaptação de textos dramáticos sob a perspectiva da Linguística de Corpus**, em que Ana Julia Perrotti-Garcia explicita como examinou a peça *Ruckus in the Garden*, de David Farr, e sua tradução brasileira.

Na Rússia, as pesquisas de *corpora* têm sido realizadas em vários institutos e faculdades, com destaque para o Fundo Automatizado de Língua Russa do Instituto Vinogradov (RAN) e o Laboratório de Lexicologia e Lexicografia Geral e Computadorizada da Faculdade de Filologia da Universidade de Moscou. O primeiro foi responsável pela criação, no início da década de 1980, do projeto que se transformaria mais tarde no *Corpus* Nacional da Língua Russa, atualmente com um volume de mais de 300 milhões de palavras.

Entre os estudos russos baseadas em *corpora*, encontramos um trabalho específico sobre a obra de Nikolai Gógol. Nele, E. V. Iagunova e L. M. Pivovarova descrevem como examinaram a prosa de Gógol, com base nos recursos da pesquisa de *corpora*, para determinar especialidades estilísticas do autor. As principais colocações e palavras-chave foram analisadas em três grupos de obras selecionadas (as novelas de Petersburgo, o romance *Almas mortas* e o ciclo de temática ucraniana) e comparadas a dois *corpora* adicionais: um jornalístico e outro científico.

2 Por que Gógol e por que o vocabulário culinário?

Nikolai Gógol (1809-1852), ao lado de Aleksandr Púchkin (1799-1837), é considerado o fundador da literatura russa moderna. No Brasil, há muito suas obras têm sido estudadas e traduzidas, e sua influência, assim como de outros autores russos, como Liev Tolstói e Fiódor Dostoiévski, sobre os intelectuais brasileiros encontra-se vastamente documentada¹. Pode-se creditar essa influência ao destacado papel do escritor russo na literatura mundial, uma vez que, como escreve Arlete Cavaliere, “embora estivesse em simbiose com o contexto histórico-cultural da época, ao mesmo tempo, ela [a obra de Gógol] transcende todas as tendências literárias que estavam em curso, e aponta ainda hoje para sua modernidade” (GÓGOL, 2009, p. 14).

Sobre a arte de traduzir Gógol, Arlete Cavaliere comenta no prefácio a *Teatro completo*, que inclui a peça mais famosa de Gógol, *O inspetor Geral*:

A tarefa de traduzir Gógol já dura alguns anos: um paciente exercício de inteligência a sondar lentamente os mecanismos e engrenagens mais íntimos desta complexa e saborosa escritura, muito próxima daquilo que Roman Jakobson chamou de ‘mitologia verbal’. (GÓGOL, 2009, p. 7).

Nesses “mecanismos e engrenagens”, os críticos têm identificado a comida, os alimentos, o ato de preparar e servir as refeições como um foco singular de significado. Em “A simbologia da comida no poema *Almas mortas* de N. V. Gógol”, o pesquisador A. M. Pantchin explicita porque “as preferências e inclinações gastronômicas dos proprietários de terra” são uma característica importante, uma forma de revelar a personalidade de cada um deles, um modo de criar a simbologia das imagens. Na dissertação “O campo semântico-lexical da ‘comida’ nas obras de N. V. Gógol, A. P. Tchékhev e M. A. Bulgákov”, Tatiana Kurenkova desdobra a comida em vários subcampos semânticos – prato quente, prato principal, petiscos, sobremesa, cogumelos, frutas e legumes, vinhos etc... – e analisa cada um deles nesses três autores.

Parece óbvio que, na recepção da literatura traduzida, o leitor que desconhece o idioma original inevitavelmente perderá muitas das associações que determinadas bebidas, pratos e alimentos típicos despertam de modo automático no leitor russo. Entretanto, mesmo na relação entre as obras e os leitores russos contemporâneos, pode-se questionar se essa associação acontece assim de modo tão automático. Por isso, decidimos partir de um ponto de vista analítico-descritivo. Queremos analisar em que medida as soluções tradutórias geram novas interpretações, ocultam

¹ A influência da literatura russa é confessada abertamente pelos próprios escritores, em depoimentos e obras, ou então apontada por biógrafos e críticos literários. Os exemplos são muitos. Deixo aqui apenas dois, pela memória de leituras mais recentes.

Ricardo Ramos, em *Graciliano: retrato fragmentado*, conta como o pai lhe apresentou os russos: “– Esses russos são uns monstros. Abria a conversa nesse andar, assim desmedido. E logo a seguir, ainda que não afeito aos entusiasmos, estava repetindo sua enorme admiração por Tolstói – *Guerra e paz* é o maior romance da literatura mundial. E não sei de novela melhor, nenhuma, que *A morte de Ivan Ilitch*” (Editora Globo, 2011, p. 105)

Em *O choro no travesseiro*, de Luiz Vilela, o personagem Nicolau apresenta os russos ao amigo Roberto, “Os grandes escritores, os que vale a pena ler, são: Dostoievski, Tolstoi, Turgenev, Tchekov, Gogol, Andreev e Gorki”, e empresta-lhe livros: “Ele fez mais do que escrever os nomes: se ofereceu para me emprestar os livros, o que aceitei na hora. E assim, no dia seguinte, ele apareceu com o primeiro, um livrinho fino em cuja capa li: *O capote*” (Atual Editora, 1994, p. 18-19).”

significados presentes no original ou eliminam trações importantes para a identificação da poética do autor.

Nesse campo investigativo, vejamos um exemplo pontual: a tradução de *smetana*, laticínio muito usado na culinária russa, na obra de Gógol *Almas mortas*, em duas publicações brasileiras (a tradução do termo está destacada em negrito).

(1)

– Tens por acaso leitão? – perguntou Chichikov à taverneira plantada diante dele.

– Sim.

– Com rábanos e com **nata**?

– Com rábanos e com **nata**.

– Serve-me. (GÓGOL, 1966, p. 108-109)

(2)

– Tens leitão? – foi a pergunta que Tchítchicov dirigiu à mulher parada diante dele.

– Tenho.

– Com raiz-forte e **creme azedo**?

– Com raiz-forte e **creme azedo**.

– Traze-o aqui! (GÓGOL, 2008, p. 96)

À pergunta: Como você costuma traduzir *smetana*?, duas tradutoras russas residentes no Brasil responderam: (1) **creme azedo** e (2) **coalhada seca**. Esta última, no Brasil, pode ser associada à culinária árabe. No dicionário *Voinova* russo-português, o mais completo para esse par linguístico, com 53.000 palavras, a tradução é **creme azedo**.

Cumprе notar que a tradução de alguns derivados do leite também é problemática no inglês-português. O verbete *cream* mereceu detalhada explicação no *Vocabulário para culinária inglês/português*, e as autoras, Elisa Duarte Teixeira e Stella E. O. Tagnin, ressaltaram que a maioria dos tipos de creme de leite fresco à venda nos países de língua inglesa não é comercializada no Brasil. Para orientar o tradutor, elas apresentam as diferenças entre os assemelhados “nata”, “creme de leite em lata”, “creme de leite de caixinha”, “creme de leite fresco”, “creme de leite *light*”.

De acordo com levantamento para a elaboração de um glossário de termos russos dicionarizados, que gerou a comunicação “Isbá, mujique, *perestroika*... russismos no Brasil”, apresentada no X Encontro Nacional de Tradutores e IV Encontro Internacional de Tradutores, em 2009, nos dicionários brasileiros *Caldas Aulete*, *Aurélio* e *Houaiss*, encontram-se cinco verbetes de origem russa relacionados à alimentação: **vodka**, **blini**, **borche** (**borsch**; **borscht**), **samovar**, **estrogonofe**. Todos eles são transliterações das respectivas palavras russas, mas, muitas vezes, a dicionarização não espelha a situação de uso, e dicionários diferentes podem ter grafias e definições diferentes para um mesmo termo.

É o que acontece, por exemplo, com uma sopa russa típica, grafada **borsch** no Aurélio, **borche** no Houaiss e **borscht** no *iDicionário Aulete*, e definida, respectivamente, como “sopa de beterraba, que se serve quente ou fria, geralmente com creme de leite”, “sopa de beterraba típica da Europa Oriental (Polônia, Rússia, Ucrânia etc.), que pode conter também carnes e legumes, sendo geralmente servida com creme de leite” e “sopa de beterraba que pode ter também carne e outros legumes, servida quente ou fria, ger. com creme de leite, típica da Europa Oriental”.

De qualquer modo, a decisão de traduzir ou transliterar, de colocar ou não uma nota depende, inicialmente, do tradutor, embora caiba lembrar que o processo de edição de um livro vai muito além desse primeiro momento solitário. Entregue à editora, a tradução passa pelas mãos do preparador, do revisor, do editor – agentes imprescindíveis, capazes de convencer o tradutor a mudar suas opções, seja apresentando boas sugestões, seja aplicando com rigor as normas da casa... Algumas editoras evitam notas, outras as exaltam; algumas querem facilitar a leitura, eliminando termos russos transliterados, outras estão certas de que seu leitor não só entende, como gosta dessa solução...

3 Possíveis ampliações da pesquisa

Ao exame da presença e recorrência da comida nas obras de Nikolai Gógol, poderão se seguir outras investigações no mesmo molde, nascidas de reflexões semelhantes. Juntamente com a alimentação, o vestuário e os ambientes internos são áreas riquíssimas para pesquisas do par linguístico russo-português.

Seria interessante examinar, por exemplo, os trajes de inverno, por razões óbvias recorrentes na ficção russa. No início do primeiro capítulo de *O idiota*, Rogójin “estava agasalhado, de **sobrecasaca** preta de pele de cordeiro, forrada e folgada, e não sentira frio durante a noite” (tradução de Paulo Bezerra, Editora 34, 2002, p. 22). Em *Gente pobre*, o “coitado do Samson Vírin” [...] “passa o dia inteiro dormindo sob um **casaco** de pele de ovelha e afogando o desgosto com ponche” [...] (tradução de Fátima Bianchi, Editora 34, 2009, p. 88). Em *Anna Kariênina*, Liévin veste “o **sobretudo** de peles que lhe foi oferecido” (tradução de Rubens Figueiredo, Editora Cosac & Naify, 2005, p. 102). Esses três agasalhos, são o *tulup*, que no dicionário russo-português Voinova é traduzido do seguinte modo: tulup (sobretudo de peles).

No projeto de tradução dos *Contos de Kolimá*, de Varlam Chalamov (1907-1982), desenvolvido atualmente para a Editora 34, os trajes de inverno são um item de que nos ocupamos com especial atenção. Relatos dos anos passados nos campos de prisioneiros, esses contos enfatizam sobretudo as sensações de frio, de fome e de esgotamento físico e mental. Como transmitir as gradações de frio de um clima tão diferente do nosso? Por enquanto, neste início do projeto, tendemos a transliterar o nome dos agasalhos, prontamente identificados pelos russos de acordo com seu grau de proteção contra o frio. Teríamos, por exemplo, *telogreika*, com a nota: *Literalmente: “esquentador de corpo”. Agasalho acolchoado, especialmente confeccionado para proteger contra o clima rigoroso do inverno russo, com temperaturas bem abaixo de zero. De fácil fabricação e baixo custo, popularizou-se no período soviético como símbolo de roupa funcional, em que a estética cedia lugar à praticidade. Fazia parte do uniforme de inverno do Exército Vermelho.*

Essa é a melhor solução? Difícil responder categoricamente. Como afirma Boris Schnaiderman, “Não tenhamos dúvida: qualquer compromisso de traduzir um grande escritor é ato de soberba. [...] Falando com franqueza, quem sou eu para traduzir um Tolstói, um Dostoiévski? No entanto, é uma exorbitância que eu tenho de assumir, quem puder que o faça melhor” (2011, p. 90). Por outro lado, se, de acordo com o mestre, “a tradução perfeita não existe” e “o erro nos espreita em cada esquina” (2011, p. 15, 17), devemos vasculhar cada uma dessas esquinas minuciosamente. E um dos caminhos nessa direção é investigar a fundo os fenômenos inerentes à tradução.

4 A terminologia na tradução literária

Explorar *corpora* comparáveis, compostos de textos originais similares em duas ou mais línguas, utilizando ferramentas eletrônicas, potencializa a busca investigativa das melhores soluções possíveis. É um revigoramento, com maior agilidade e presteza, da pesquisa minuciosa em livros diversos e da consulta a colegas e especialistas. Na tradução literária, esse movimento muitas vezes é o rastrear do caminho trilhado pelo autor. Se Nikolai Leskov (1831-1895), inspiração para o artigo “O narrador”², de Walter Benjamin, recorre ao escritor e amigo M. Pyliaev, autor de *Pedras preciosas – características, lugares de ocorrência e uso* (1877), para compor um quadro verdadeiro no conto “Alexandrita”³, nada mais natural do que, na hora de traduzir, consultar um conhecedor de pedras brasileiro ou, de modo alternativo ou complementar, um *corpus* de textos originais em português sobre esse tema.

Se, por um lado, “o texto técnico não pode ser reduzido à terminologia que veicula” (TEIXEIRA, 2008, p. 51), por outro, o texto literário não pode prescindir do apuro técnico. Na tradução da novela *Minha vida*, de Antón Tchékhev, vivemos uma experiência pontual que exemplifica bem como é tênue essa fronteira. Um dos personagens, engenheiro rico, gabava-se de ter trabalhado muito para conquistar uma vida abastada e enfatizava ter sido *smaztchik* (aquele que se ocupa de passar óleo, de lubrificar) na rede ferroviária da Bélgica antes de se tornar concessionário de estradas de ferro na Rússia. Na narrativa, essa ocupação é tão importante, que passamos várias semanas em busca do termo exato, até encontrarmos, na *internet*, um requerimento de licença para tratamento de saúde de Estendes [sic] Paixão, **graxeiro** da Estrada de Ferro São Luiz-Terezina.

Portanto, afirmar que, na tradução literária não importa a terminologia seria tão enganoso quanto dizer que na tradução técnica só importa a terminologia. Além disso, a aproximação entre esses dois campos, tanto na prática profissional quanto na pesquisa, extrapola o simples elencar de exemplos terminológicos pitorescos. Trabalhos recentes têm mostrado que a Linguística de Corpus revela uma “nova concepção da língua como sistema probabilístico e a percepção de que a língua que mais interessa é a língua em uso”.⁴ Por isso, a aplicação de suas ferramentas à tradução literária não implica, de modo algum, na negação dos aspectos mais prontamente relacionados à literatura, ou seja, a criatividade, a intuição, a sensibilidade, “o arrojo, a ousadia, os voos da imaginação”, como lembra Boris Schnaiderman.

E, considerando que esses aspectos não são exclusividade da tradução literária e aparecem, em menor ou maior grau, também na tradução técnica, fica clara a abrangência e a contribuição de estudos que não aceitam delimitações de fronteiras antes consideradas definitivas. Entender o papel da alimentação, da culinária, da gastronomia na cultura da Rússia, da Ucrânia⁵ e do Brasil, por exemplo, é tão importante quanto saber o que significa *borche*. A compreensão dos temas e imagens relevantes ajuda o tradutor literário a considerar o original em toda sua complexidade. Por isso, parece-nos tão familiar a atenção aos aspectos culturais presente nos referidos trabalhos e artigos sobre culinária do projeto COMET.

Na introdução ao *Vocabulário para culinária inglês-português*, as autoras destacam que um dos grandes problemas são “as diferenças culturais – ingredientes, por exemplo, que existem numa cultura, mas não na outra, ou cortes de carne diferentes”, por isso, “tendo em vista facilitar a compreensão do texto e da cultura de origem do termo” elas tiveram o cuidado de apresentar

² *Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. Vol. 1, p. 197-221.

³ Em *A fraude e outras histórias*. Trad. de Denise Sales. São Paulo: Editora 34. (no prelo).

⁴ M. J. B. Finatto, citado por Elisa Teixeira em sua tese de doutorado, p. 86.

⁵ Gógol nasceu e foi criado na província de Poltava (Ucrânia) e, principalmente nas obras de sua primeira fase, reproduz o ambiente ucraniano, com suas manifestações culturais, modo de vida, linguajar, paisagens...

informações adicionais, ilustrações, quadros, figuras... Em sua dissertação de mestrado, Rozane Rebechi, partindo da falta de padronização na tradução da culinária típica brasileira para o inglês, procurou “analisar como o tema ‘culinária brasileira’ tem sido abordado na sociedade norte-americana”. As conclusões gerais de sua pesquisa revelam o interesse por uma investigação que vai muito além da terminologia: “os autores norte-americanos tendem a associar a culinária brasileira à culinária nordestina, principalmente à baiana”, têm uma imagem estereotipada do brasileiro, pautada por “características como: festeiro, místico, exótico e adepto de hábitos alimentares pouco saudáveis” e “não costumam distinguir termos e aspectos próprios da cultura brasileira dos de outros países da América Latina” (2010, p. 12).

Nessa mesma linha, encontra-se em processo de elaboração o Glossário Bilíngue de Ingredientes e Pratos Brasileiros, com o objetivo de salvaguardar a identidade gastronômica de nosso país. Em comunicação apresentada no UCCTS (Using Comparable Corpora in Translation Studies), em Ormskirk (Inglaterra), Stella Tagnin, coordenadora do projeto COMET, destacou, entre outros pontos, a cozinha nacional como reflexo da cultura do país, a cozinha brasileira no contexto internacional e problemas de tradução de menus brasileiros para o inglês... Nos exemplos de inconsistências tradutórias, chamaram a nossa atenção as soluções para a palavra “cachaça” em traduções da Embratur: *sugar(-)cane rum, typical Brazilian sugar cane rum, rum, sugar cane spirit, sugar cane rum*. O que seria da famosa palavra “vodca”, há tanto tempo presente em nossos dicionários, se os tradutores tivessem insistido obstinadamente em soluções do tipo “aguardente de cereal”?

Referências Bibliográficas

- 1] GONÇALVES, Lourdes Bernardes. *Dubliners sob a lupa da linguística de corpus: uma contribuição para a análise e a avaliação da tradução literária*. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2006.
- 2] GÓGOL, Nikolai Vassílievitch. *Almas mortas*. Trad. de Tatiana Belinky. São Paulo: Editora Perspectiva, 2008.
- 3] _____. *Almas mortas*. Trad. de Costa Neves. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1966.
- 4] _____. *Teatro completo*. Trad. de Arlete Cavaliere. São Paulo: Editora 34, 2009.
- 5] KURENKOVA, Tatiana Nikoláevna. *Lieksiko-semanticheskoe pole “Eda” v proizvedeniakh N. V. Gogolia, A. P. Tchékhova, M. A. Bulgákova* [O campo semântico-lexical da ‘comida’ nas obras de N. V. Gógol, A. P. Tchékhov e M. A. Bulgákov]. (Dissertação) Disponível <<http://www.dissercat.com/content/leksiko-semanticheskoe-pole-eda-v-proizvedeniyakh-nv-gogolya-ap-chekhova-ma-bulgakova>> Consulta feita em 20 de junho de 2012.
- 6] PANTCHIN, A. M. “Simvolika edy v poeme N. V. Gógolia ‘Miortvye duchi’” [A simbologia da comida no poema *Almas mortas* de N. V. Gógol]. Disponível em <http://allstude.ru/Literatura_i_russkiy_yazyk/Simvolika_edy_v_poeme_N_V_Gogolya_Mertvye_dushi.html> Consulta feita em 20 de junho de 2012.

- 7] PERROTTI-GARCIA, Ana Julia. “Análise da tradução/adaptação de textos dramáticos sob a perspectiva da Linguística de Corpus”. In: TradTerm: Revista do Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2011. n. 18, p. 179-208.
- 8] PIVOVAROVA, L. M.; Iagunova, E. V. “Eksperimentalno-vytchislitelnyie issledovania khudojestvennoi prozy N. V. Gogolia” [Pesquisas experimentais computadorizadas da prosa artística de N. V. Gógol]. Disponível em <http://webground.su/data/lit/pivovarova_yagunova/Experimentalnovychislitelnyie_issledovaniya_prozy.pdf> Consulta feita em 20 de junho de 2012.
- 9] REBECHI, Rozane Rodrigues. *A imagem do brasileiro no discurso do norte-americano em livros de culinária típica: um estudo direcionado pelo corpus*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2010.
- 10] SALES, Denise Regina de. “Mujiqie, isbá, perestroika... russismos no Brasil”. (Comunicação) X Encontro Nacional de Tradutores e IV Encontro Internacional de Tradutores – Nas trilhas da tradução: para onde vamos? 2009. Publicado em CD. ISSN digital: 2238-6653. p. 884-892. Disponível na página <<http://www.ichs.ufop.br/anaisdoentrad/images/stories/72Sales.pdf>> Consulta feita em 21 de junho de 2012.
- 11] TEIXEIRA, Elisa Duarte. *A Linguística de Corpus a serviço do tradutor: proposta de um dicionário de Culinária voltado para a produção textual*. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2008.

i **Denise Sales, Profa. Dra.**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Instituto de Letras, Setor de Russo
denise.sales@ufrgs.br